

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal da Tarde (S.P.) Class.: 202

Data 9 de novembro de 1978 Pg.: _____

Índios

JT. 9. 11. 78

No TUCA, uma manifestação contra esse projeto do governo.

Viver a vida de índio já é difícil, reclama Megaron, o índio. E agora ainda estão querendo que o índio viva a vida de branco? Impossível, exclama. E explica:

— O que é que eu vou fazer? Acho que o governo não tá pensando direito ou tá com raiva de nós ou quer acabar com tudo de uma vez. O índio não está preparado para viver sozinho. Tenho 27 ou 28 anos e desde 1962 conheci os brancos. Ai tudo ficou mais difícil. Agora são duas vidas para a gente viver. A vida do branco é muito mais difícil. O índio sabe viver no mato, mas já pensou em índio sem terra? Morre. E as doenças? Índio não tem dinheiro para pagar hospital. A vida antes era muito melhor. Agora tem que aprender a vida do branco e continuar na nossa.

O índio Megaron, da tribo dos Txukarramaí, vive no Parque Nacional do Xingu, era uma das quase duas mil pessoas que lotavam, ontem à noite, o TUCA — Teatro da Universidade Católica — durante o "Ato público de repúdio ao sigiloso projeto de emancipação de comunidades indígenas".

Daniel, um índio da tribo Pareci, que vive com sua tribo no Mato Grosso, também disse porque é contra o projeto de emancipação:

— O índio não está preparado para essa emancipação. A forma pela qual o índio deseja ser emancipado futuramente é totalmente

diferente dessa, que é imediatista e está prestes a desabar sobre a comunidade indígena.

Dom Tomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário, disse preferir que a situação do índio continue como está, pois a emancipação é repudiada pelos próprios índios, que reagem contra ela por instinto:

— O projeto de emancipação do índio é a estrutura do genocídio de maneira limpa, sem precisar sujar as mãos com arsênico, com armas. Este decreto será um decreto criminoso, assassino, e não sujará as mãos de quem o fez. Mas sujará a memória para sempre.

Dom Pedro Casaldáliga não pôde comparecer ao ato público porque houve problemas no avião em que viajava. Mas no saguão do TUCA, havia um enorme cartaz onde estavam escritas palavras suas:

"Malditas sejam todas as cercas! Malditas sejam todas as propriedades privadas, que privam de viver e de amar! Malditas sejam todas as leis arranjadas por poucas mãos para amparar cercas e bois e fazer escrava a terra e escravos os irmãos".

O ato público começou às 20h30, com a abertura feita pelo secretário geral da Associação Nacional de Cientistas Sociais, Braz José de Araújo, que organizou o encontro. Na mesa, a antropóloga Carmem Junqueira, pre-

sidente. Foi lido um histórico da emancipação do índio, depois foi a vez das denúncias de casos concretos, feitas por Lux Vidal (Projetos Desenvolvimentistas); pela fotógrafa Cláudia Andujar, que falou sobre os índios Yanomani; por Sílvio Coelho (Índios do Sul do Brasil); e pelo padre Antonio Iasi Júnior, que falou sobre os Nhambiquara. Na terceira parte do programa, os pronunciamentos dos representantes de Comunidades Indígenas.

Cento e três entidades e 36 personalidades assinaram o registro na mesa colocada na entrada do teatro. E as quase duas mil pessoas assinaram o abaixo-assinado contra a emancipação que estava colado em várias mesas, no saguão.

As moções de apoio ao ato público contra a emancipação do índio vieram de mais de 50 pessoas e entidades. De Manaus, do Paraná, de São Paulo, de Minas, do Pará, do Rio, de vários políticos dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra, e foram lidos durante o programa.

O ato público terminou depois dos pareceres e comentários de Orlando Villas Boas, Dalmo de Abreu Dallari, José de Souza Martins, dom Tomas Balduino e Darcy Ribeiro.

EUA

Várias personalidades norte-americanas se manifestaram contra o projeto brasileiro

de emancipação do índio, e o telegrama enviado ao antropólogo Gilberto Velho pelo curador do Instituto Smithsonian de Washington é incisivo: "A lei que propõe emancipar os índios brasileiros tem perigosa semelhança com o dawes act norte-americano de 1887, que resultou em tremendas perdas culturais, econômicas e políticas para os índios, e cujos deletérios efeitos ainda se sentem por todo o país".

Edward J. Lehman, diretor executivo da Associação Americana de Antropologia, manifestou o apoio da entidade "à luta dos cientistas e indigenistas brasileiros contra a iniciativa governamental". Richards A. Adms, da Universidade do Texas, também manifestou seu apoio e seu "enérgico protesto contra esta medida que visa à destruição das comunidades indígenas brasileiras".

MAIS CRÍTICAS

A Associação Nacional de Apoio ao Índio distribuiu uma nota, ontem, em Porto Alegre, condenando o projeto de emancipação e, também, as recentes declarações sobre o assunto do ministro do Interior, Rangel Reis. A Associação afirma que "em nenhum momento o ministro refutou as críticas que têm sido feitas a este projeto genocida, principalmente no que diz respeito ao fato de que a emancipação torna-se compulsória, por iniciativa exclusiva da Funai".